



Esta obra está sob o direito de  
Licença Creative Commons  
Atribuição 4.0 Internacional.

## **TEA - TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: DAS RELAÇÕES PESSOAIS AO MERCADO DE TRABALHO.**

*Alice Vieira dos Santos*

### **RESUMO**

Diante do aumento no número de diagnósticos do transtorno do espectro autista – TEA, a sociedade está direta e indiretamente em contato com o autista, por isso é preciso que a mesma esteja ciente das singularidades e da complexidade do diagnóstico, pois a principal causa do capacitismo é a falta de informação, a busca por informação, não deve estar restrito a familiares, profissionais da saúde e educação. O autista e sua família além do preconceito devem enfrentar as barreiras no processo de diagnosticar o espectro, a escassez de profissionais qualificados para reconhecimento das alterações e a falta de serviços especializados no sistema único de saúde impossibilita um diagnóstico rápido, afetando o seu desenvolvimento pelo atraso da intervenção pedagógica. A educação é muito importante em sua vida, possibilita a essa criança ser bem sucedido em suas empreitadas, com o emprego certo dos métodos pedagógicos ela será um jovem/adulto com facilidade na interação e inserção na sociedade, no mercado de trabalho e em qualquer área que desejar estar.

**Palavras-Chaves:** autismo, busca por informação, interação, profissional autista, educação.

## INTRODUÇÃO

Vemos que o aumento nos números de diagnósticos do transtorno do espectro autista é uma realidade cada vez mais presente em muitas famílias, independente de raça, condição social, religião ou qualquer outra particularidade. O diagnóstico de autismo cresceu ao longo dos anos com estimativa aproximada em mais de 1% da população mundial, apresentando-se em mais de 4 milhões de pessoas no Brasil (APA, 2014). Há um longo caminho a ser percorrido quando se fala do autismo, existem perguntas das quais ainda não se tem respostas exatas.

Desde os primeiros sinais de que o desenvolvimento da criança é atípico, caracterizado por dificuldade para interagir socialmente, como manter o contato visual, identificar expressões faciais e compreender gestos comunicativos, expressar as próprias emoções e fazer amigos; Dificuldade na comunicação, caracterizado por uso repetitivo da linguagem e dificuldade para iniciar e manter um diálogo; Alterações comportamentais, como manias, apego excessivo a rotinas, ações repetitivas, interesse intenso em coisas específicas e dificuldade de imaginação, a mãe ou responsável dirigisse a unidade básica de saúde ou hospital de sua preferência, é neste local que deve ser feita a avaliação inicial e

definição da necessidade de encaminhamento para um especialista.

A família começa a trilhar um longo caminho pelo diagnóstico e por tratamentos adequados para o grau de autismo correspondentes, o que pode ser muito difícil, não importando a classe social ou as condições financeiras, mas, sobretudo para famílias que procuram tratamento na rede pública de saúde. Desde sedo proporcionar as famílias com menos condições financeiras a qualidade no sistema único de saúde (SUS) e agilidade no diagnóstico correto possibilita uma qualidade de vida melhor tanto para a criança quanto para a sua família.

Grupos familiares de baixa renda com condições financeiras reduzidas têm muita dificuldade em dar um tratamento adequado para seu filho, muitas são as dificuldades que o autista e sua família enfrentam desde a falta de médicos especializados na rede pública a demora no diagnóstico, quando conseguem a consulta com o médico os exames já tem passado da validade, ainda devem se preocupar com o preconceito que está ligado a falta de informação, gerando uma cultura capacitista. A palavra “capacitismo” significa a discriminação de pessoas com deficiência, acontece de forma física e social: físico quando impõe barreiras de acessibilidade, social quando a própria sociedade estigmatiza essas

peças, o que deixa a família ainda mais preocupada de como será o futuro quando eles não estiverem mais presentes.

O capacitismo social está ligado principalmente ao pouco conhecimento sobre a condição, gera a falsa crença que o autismo é uma doença, sendo assim procura características físicas por não conhecer a amplitude do espectro.

Existe uma diferenciação entre desempenho social, habilidades sociais e competência social, segundo Carvalho apud Del Prette (2001, p. 31):

O desempenho social refere-se à emissão de um comportamento ou sequência de comportamentos em uma situação social qualquer. Já o termo habilidades sociais refere-se à existência de diferentes classes de comportamentos sociais no repertório do indivíduo para lidar de maneira adequada com as demandas das situações interpessoais. A competência social tem um sentido avaliativo que remete aos efeitos do desempenho social nas situações vividas pelo indivíduo.

O autismo de alto funcionamento é um termo informal usado para caracterizar pessoas com autismo consideradas com maior “funcionalidade” em realizar atividades do dia a dia, interagir, realizar atividades como ler, escrever, falar ou tomar decisões, conhecido também como Transtorno de Asperger faz parte do TEA de nível 1 ou grau leve. A pessoa com esse

grau de autismo pode ter alguns sintomas perceptíveis, como disfunção sensorial e ansiedade, mas como apresentam sinais leves muitas vezes o autismo desses indivíduos pode passar despercebido pelas outras pessoas, a famosa frase “não tem cara de autista”. Por ser um diagnóstico complexo e por ser o próprio autismo um espectro com diferentes graus se torna de difícil compreensão para as pessoas fora desse círculo. Quando recebem uma boa educação pessoas de grau leve podem trabalhar, participar de diversas áreas.

Conhecimento é poder, a busca por informação, não deve estar restrito a familiares, profissionais da saúde e educação, a sociedade deve estar por dentro do assunto fazendo parte da inclusão, Receber essas pessoas, não apenas crianças, mas também adolescentes e adultos, pois serão futuros universitários e profissionais. É preciso estar de mente aberta para recebê-los cientes de suas singularidades. Temos o conhecimento na palma de nossas mãos, tornasse mais fácil conhecer e entender essas pessoas, entender que *“ela faz parte do nosso mundo e que não é um mundo a parte”*. (Educando em La vida)

Em termos metodológicos, o que se pode encontrar ao longo desse breve artigo é um trabalho exploratório, de cunho bibliográfico e descritivo, escrito com a permanente preocupação de que sendo consultado por um leigo no assunto, possa

facilmente ser lido e compreendido possibilitando um breve conhecimento sobre o tema, sendo plantado um conhecimento que evolua com o desejo genuíno de ser parte da inclusão.

## **ASPECTOS METODÓLOGICOS**

Trata-se de uma revisão de literatura tradicional, não sistemática, descritiva, de natureza qualitativa e bibliográfica, já que a análise se realizou em diversas fontes de pesquisas como conteúdo de livros, artigos científicos, sites, dissertação, teses e bibliográficas virtuais.

## **O ESPECTRO AUTISTA**

O termo “autismo infantil” apareceu pela primeira vez em 1943, quando Leo Kanner publicou seu ensaio *Autistic Disturbances of Affective Contact*, onde Kanner observou 11 crianças que apresentavam isolamento extremo desde o início da vida, apego às rotinas, preferência por objetos inanimados em detrimento de pessoas e algumas outras características. Neste momento, Kanner chegou a concluir que talvez estes sintomas fossem inatos a essas crianças, ou ainda, que os pais das crianças deveriam ser responsabilizados por estes comportamentos de seus filhos, e chegou a criar o termo “mãe geladeira”, pois dizia que essas mães tinham um contato muito frio e mecanizado para com

seus rebentos. (SILVA, GAIATO, REVELES, 2012).

Em meados de 1960, a psiquiatra inglesa Lorna Wing, cuja filha tinha autismo, realizou um estudo epidemiológico que permitiu descobrir a tríade de sintomas desta doença, ou seja, as alterações sociais, comunicação e linguagem e padrões alterados de comportamento, estes sintomas ficaram conhecidos como “Tríade de Lorna Wing” (OLIVEIRA, 2009). Nesta mesma década, temos a contribuição de Ole Ivar Lovaas (1960), que introduziu a ideia de que crianças com autismo poderiam aprender novas habilidades através da técnica de terapia comportamental, com isso percebemos que o autismo se tornava, muitas vezes, uma doença muito danosa para os pais, uma vez que essa terapia comportamental sofria muitos preconceitos na época, pois deveria ser procurada somente quando estivessem esgotadas todas as outras possibilidades. (SILVA, GAIATO, REVELES, 2012).

Há pouco tempo os sintomas do autismo eram enquadrados como uma forma de esquizofrenia. Em 1952 os diversos sintomas de autismo eram classificados como um subgrupo da esquizofrenia infantil, não sendo entendido como uma condição específica e separada, houve muita confusão sobre a natureza do autismo era comum a crença de que o

distúrbio seria causado por pais emocionalmente distantes. Nos anos 60, crescem as evidências de que o autismo era um transtorno cerebral presente desde a infância e encontrado em todos os países e grupos socioeconômicos e étnico-raciais.

Em 2014 foi publicado o maior estudo já realizado sobre as causas do autismo revelou que os fatores ambientais são tão importantes quanto a genética para o desenvolvimento do transtorno. Isto contrariou estimativas anteriores, que atribuíam à genética de 80% a 90% do risco do desenvolvimento de TEA. Foram acompanhadas mais de 2 milhões de pessoas na Suécia entre 1982 e 2006, com avaliação de fatores como complicações no parto, infecções sofridas pela mãe e o uso de drogas antes e durante a gravidez. Conclusão do respectivo artigo:

“Entre as crianças nascidas na Suécia, o risco individual de TEA e transtorno autista aumentou com o aumento do parentesco genético. A herdabilidade do TEA e do transtorno autista foi estimada em aproximadamente 50%. Esses achados podem informar o aconselhamento de famílias com crianças afetadas.” (THE FAMILIAL RISK OF AUTISM, 2014).

A nova versão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, a CID 11, segue o que foi proposto no DSM-V, e passa a adotar a nomenclatura Transtorno do Espectro do Autismo: 6A02 para englobar todos os diagnósticos anteriormente

classificados como Transtorno Global do Desenvolvimento.

O CID é usado para traduzir diagnósticos de doenças e outros problemas de saúde em códigos alfanuméricos, permitindo o armazenamento, recuperação e análise dos dados. A CID é a classificação diagnóstica padrão internacional para todos os propósitos epidemiológicos gerais e muitos propósitos de gerenciamento de saúde. Esses propósitos incluem a análise de situações gerais de saúde em grupos populacionais, monitoramento de incidência e prevalência de doenças e exame de outros problemas de saúde em relação a outras variáveis, como as características e circunstâncias dos indivíduos afetados. (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. ICD-11)

Atualmente o Transtorno do Espectro Autista é dividido em graus de sua gravidade, segundo DSM-5, como o nível 3, neste grau a comunicação social apresenta déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal e causam prejuízos graves de funcionamento, limitação em iniciar interações sociais e resposta mínima a aberturas sociais que partem de outros e o comportamentos repetitivos e restritos que representa a inflexibilidade de comportamento, evidenciando que este comportamento aparece nos três níveis. Denominado nível 2 a comunicação social apresenta-se como intencionais, há habilidades de comunicação social verbal e não verbal. No nível 1 também conhecido como autismo

leve, exige apoio de comunicação social e na ausência de apoio, os déficits na comunicação social causam prejuízos notáveis.

Ao contrário do que muitas pessoas imaginam, o autismo não é uma doença e sendo assim, também não tem cura, é uma condição relacionada ao desenvolvimento do cérebro que afeta a forma como uma pessoa percebe o mundo e se socializa. Dessa forma, elas podem ter dificuldades de interação social e comunicação. Porém, muitas pessoas com autismo conseguem realizar todas as suas atividades diárias, enquanto outros podem necessitar de ajuda. Embora não tenha cura, o TEA pode ser tratado de inúmeras formas. Com o apoio de uma equipe multidisciplinar (diferentes profissionais), a criança pode desenvolver formas de se comunicar socialmente tendo maior estabilidade emocional.

## **SOBRE AS RELAÇÕES PESSOAIS**

A comunicação acontece quando uma pessoa envia uma mensagem para outra pessoa, isso pode ser verbal ou não verbal. A interação acontece quando duas pessoas respondem uma à outra - comunicação bidirecional. A maioria das pessoas autistas tem dificuldade em interagir com os outros, responder a outras pessoas ou usar a interação para mostrar coisas às pessoas ou ser sociável, compreender e relacionar-se com outras

pessoas participando da vida cotidiana familiar, escolar, profissional e social, estes podem ser mais difíceis.

Na maioria dos casos são pessoas sinceras, amorosas, inteligentes muitas vezes divertidas, mas as dificuldades em perceber seu entorno e em se expressar torna a socialização muito difícil para a pessoa autista, acabam sendo isoladas permanecendo sem a chance de se desenvolver plenamente e de oferecer ao mundo suas contribuições.

O autismo pode atingir vários níveis e a maioria das pessoas só conhecem aquele considerado “clássico”, o mais grave dentro do espectro, e pensam que todos os autistas são iguais, portanto muitas pessoas acabam gerando pré-conceitos quando uma mãe diz ter um filho autista, e isso pode provocar muitos conflitos na vida da família dificultando o desenvolvimento da criança.

Consideramos a falta de informação como a maior geradora de conflitos e preconceitos com as pessoas com autismo, visto que uma vez que se desconhece a doença fica difícil para a pessoa considerada normal aceitar certos comportamentos do autista. Sabe-se que o autista não apresenta nenhum tipo de anomalia ou diferença na aparência, isso pode dificultar a caracterizar aquela criança dentro do espectro, ainda que as pessoas conheçam a doença, muitas vezes consideram aquela criança mal-educada e

mimada culpando a mãe por incentivar tal comportamento, quando na verdade pode estar apresentando uma crise gerada pelo transtorno.

“O conhecimento é poder. Utilize parte do seu tempo para educar alguém sobre o autismo. Não necessitamos de defensores. Necessitamos de educadores.” Para conseguirmos nos educar sobre questões do autismo é importante trocarmos idéias e experiências, promovendo um envolvimento da sociedade na busca por estratégias assertivas de inclusão. (Asperger women association)

O mercado de trabalho para o autista não é fácil, o convívio na escola pode ajudar no desenvolvimento da criança, a escola pode auxiliar nesse processo de inserção do indivíduo autista na sociedade a qual ele pertence, talvez seja a melhor ferramenta de inclusão colocando a criança autista em seu lugar de direito, possibilitando o desenvolvimento dela e ajudando no das demais. As crianças diferentemente dos adultos não vêem o autista como atípico é um amigo que não gosta de falar muito, se incomoda com barulhos altos às vezes, e para essas crianças é normal, pois esta inserido em sua rotina diária, desde pequenas são cheias de empatia e respeito ao próximo.

Como agente transformador está o professor, profissional da educação que através de atividades didático-pedagógicas e metodologias assistivas, o professor

poderá incentivar seus alunos de forma positiva a fim de contribuir para uma sociedade mais justa, voltada às questões educacionais e sociais. Para tanto, o professor deve estar consciente da sua função de educador, bem como deve posicionar-se no sentido da reeducação, procurando sempre novos meios de evoluir e sempre atento no que diz respeito à inserção do aluno PCD no ambiente escolar e fora dela.

Com isso consideramos que o trabalho do educador deverá ir além do ensinar, mas sim ajudá-los nas interações sociais entre os amigos, familiares e todas as pessoas que fazem parte da equipe escolar. Com isso a criança começará a desenvolver suas habilidades interacionais e sociais e com o tempo passará a se comportar assim em outros ambientes fora da escola, juntos família e educador poderá conseguir realizar esses propósitos com muita paciência e dedicação.

A especialista *Lívia Aureliano* destaca cinco dicas essenciais para um convívio respeitoso:

- Não faça suposições ou estereótipos: Evite generalizações ou estereótipos sobre o autismo. Cada indivíduo no espectro autista é único, com suas próprias características e necessidades. Portanto, não assuma que todos os autistas compartilham as mesmas habilidades ou desafios.

- Não ignore suas necessidades de comunicação: Respeite e valorize as diferentes formas de comunicação utilizadas pelos autistas. Alguns podem preferir a comunicação não verbal, enquanto outros podem utilizar a fala, a escrita ou a tecnologia assistiva. Não ignore ou desvalorize essas formas de expressão, mas esteja aberto e receptivo a elas.
- Não force a interação social: Cada autista tem seu próprio conforto e limite em relação à interação social. Evite pressionar ou forçar um autista a se envolver em situações sociais que lhe causem desconforto. Respeite seu espaço e permita que ele decida quando e como deseja se envolver socialmente.
- Não faça comentários ofensivos ou depreciativos: Não faça comentários depreciativos, ofensivos ou que desvalorizem as habilidades dos autistas. Comentários negativos ou julgamentos podem causar danos emocionais e prejudicar sua autoestima. Em vez disso, foque em valorizar suas conquistas e reconhecer suas habilidades únicas.
- Não minimize suas experiências ou desafios: Evite minimizar as dificuldades enfrentadas pelos autistas. As lutas e os desafios que eles enfrentam podem ser diferentes dos de pessoas neurotípicas. Portanto, não menospreze suas experiências, mas esteja disposto a ouvir, entender e oferecer apoio quando necessário.

É importante colocá-lo na conversa mostrando que ele está sendo visto e que as pessoas ao seu redor se importam e vão interagir com ele, quando estiver pronto pode ocorrer uma conversa respeitando seu tempo e seu desejo. Seja claro e evite jargões e metáforas, tenha conversas diretas

e se ele quiser conversar e estiver à vontade com você fluirá naturalmente, lembrando de sempre respeitar seu tempo, cada pessoa é única na maneira de ser e viver, o autista não poderia ser diferente, não existe ninguém igual. A cada dia as pessoas buscam conhecimento procurando educar-se sobre o assunto. Essa fase de conscientização é muito importante para a inclusão, sair da zona de conforto e colocar-se no lugar do outro, a empatia mostra o mundo por outros olhos. É importante quebrar os tabus e aceitar as condições específicas de cada pessoa.

## **AUTISTAS NO MERCADO DE TRABALHO**

Há alguns anos autismo e trabalho seriam duas palavras que não poderiam estar na mesma frase, por pensarem que com suas especificidades, sua forma de comunicação e responder a acontecimentos rápidos ou simplesmente por dizerem que não conseguiriam, não teriam a capacidade. Após lutas por direitos, por diagnósticos e tratamentos, vemos que não somente é possível, mas são capazes de muito mais. A cada dia vai sendo quebrado o tabu que existe do autista no mercado de trabalho e sendo criadas leis que garante esse direito e os coloca em condições de inserção na sociedade contribuído para mesma. Assegurados por lei as empresas estão

recebendo esse profissional e hoje o autista com uma carreira já é realidade.

A inclusão de um autista no mercado de trabalho é garantida pela mesma lei que determina a participação mínima para portadores de qualquer deficiência. Foi a **Lei 12.764, de 2012 – também conhecida como Lei Berenice Piana – que abriu as portas** para o reconhecimento do Autismo dentro do rol das demais deficiências. Desde então, o autismo tem sido muito mais discutido e diagnosticado no país.

Os profissionais autistas são conhecidos por serem muito pontuais e dedicados. Eles são extremamente focados em seus trabalhos e podem ser muito confiáveis em tarefas que exigem atenção aos detalhes e precisão. Essas habilidades são particularmente úteis em áreas como produção e manufatura

Muitos autistas são dotados de habilidades em matemática e lógica, o que os torna excelentes em áreas como programação, engenharia e análise de dados. Eles também são capazes de identificar padrões complexos e encontrar soluções para problemas difíceis, são muito atentos aos detalhes. Eles têm a capacidade de se concentrar em tarefas por períodos prolongados de tempo, analisando informações com um olhar minucioso e cuidadoso. Isso pode ser benéfico em áreas como pesquisa e desenvolvimento,

contabilidade e auditoria. Muitas pessoas com autismo têm dificuldades na comunicação verbal, mas muitos também são especialistas na comunicação não verbal. Eles podem perceber nuances em gestos, expressões faciais e linguagem corporal que a maioria das pessoas não percebe. Essa habilidade pode ser muito útil em áreas como vendas, negociação e análise de dados. Muitas pessoas com autismo têm habilidades únicas que podem ser valiosas para o setor de TI. Eles geralmente são altamente analíticos, com uma atenção aos detalhes incomparável. Eles podem ter habilidades matemáticas excepcionais, e muitas vezes são capazes de identificar padrões e anomalias que outros podem perder. Além disso, eles podem ser altamente focados e motivados em projetos específicos, permitindo que trabalhem em tarefas complexas com mais eficiência e eficácia do que outras pessoas.

Devido a essas habilidades, muitos autistas têm encontrado sucesso em carreiras relacionadas à tecnologia da informação, como programação, análise de dados, testes de software e outros. Empresas que contratam esses profissionais podem se beneficiar de sua perspectiva única e habilidades de resolução de problemas, que podem ajudar a identificar e corrigir problemas em sistemas de TI.

Apesar dos grandes avanços a certa resistência das empresas de receber esse

profissional, autistas pode trazer habilidades únicas e valiosas para o setor, mas muitas empresas ainda não estão aproveitando todo o potencial desses profissionais, as barreiras para a contratação incluem a falta de compreensão sobre o autismo, a falta de programas de treinamento para o trabalho a ser feito e se o profissional que prestará esse treinamento é especializado na interação com TEA. O apoio para trabalhadores autistas disponibilizando recursos para gerenciar a comunicação e as interações sociais no ambiente de trabalho são muito importantes. Faz-se necessário que essa empresa se prepare para receber esse profissional autista, preparando não somente o ambiente adaptando a iluminação, reduzindo ruídos e fornecendo espaços de trabalho mais isolados, se necessário, mas também disponibilizando conhecimento para o corpo da empresa, mostrando as dificuldades enfrentadas por eles, mas principalmente que são capazes de fazer o que lhe foi proposto. Esse autista não está na empresa porque é autista, ele garantiu essa vaga apesar das limitações impostas por seu diagnóstico, que com a ajuda desses colegas e com apoio moral será mais fácil a adaptação.

Dar essa oportunidade lhe possibilita a chance de crescer como cidadão onde contribui para a sociedade e faz parte dela, recebe conhecimento externo

saindo do seu ciclo cotidiano, melhorando suas habilidades e conhecimento, o indivíduo se conhece e percebe que pode fazer algo grande, claro que sabemos que essa visão idealista e perfeita só será possível para um grau leve de autismo.

Deve destaque que é um avanço muito importante, mas infelizmente não é uma realidade para todos, é preciso reconhecer que, ao longo de muitos anos, as pessoas com deficiência estiveram segregadas do sistema regular de ensino, o que cria problemas para inserção desse profissional. Esses são alguns dos motivos pelos quais pessoas com deficiência ocupam apenas 1% dos postos de trabalho segundo dados de 2018 da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). Entre os 46,6 milhões postos com carteira assinada, somente 486 mil são ocupados por trabalhadores com deficiência.

O levantamento ainda aponta que em 2018 houve crescimento nos empregos formais das pessoas com deficiência, totalizando 486,7 mil vínculos empregatícios, equivalente a 1% do contingente total. Em relação ao ano 2017, houve crescimento de +45,4 mil empregos, equivalente a +10,3%.

Os dados evidenciam que, embora a Lei de Cotas não tenha promovido inclusão ampla, foi por meio dessa ação afirmativa que asseguramos minimamente a ocupação de pessoas com deficiência no mercado de

trabalho, isso porque o capacitismo é sistêmico e sem reação acarretará no empobrecimento dessa população, ainda mais em uma sociedade onde a exclusão das minorias é pilar de um sistema econômico pautado pelo lucro.

Para contratação de autistas, as empresas geralmente exigem um diagnóstico formal. Mas para chegar ao enquadramento clínico, são necessárias diversas análises que vão desde avaliações de psicólogos, neurologistas, fonoaudiólogos, entre outros.

Uma família pobre, que depende apenas do sistema único de saúde (SUS), pode acabar desestimulada a continuar tratamentos essenciais, devido e principalmente, à demora de liberação de vagas no sistema público. Quando o tratamento começa e é continuado desde cedo, a criança tem mais chances de que seu desenvolvimento permita, mais tarde, uma melhor adaptação em escolas, universidades e, conseqüentemente, a entrada no mercado de trabalho.

É de baixa probabilidade que um autista longe das grandes cidades e de baixa renda sem o atendimento de qualidade pelo Sistema Único de Saúde consiga o mesmo sucesso que um que vive em uma cidade desenvolvida com acesso a profissionais capacitados.

Um atendimento de qualidade por toda a equipe da saúde, Psiquiatria da infância e

da juventude, Neuropediatra, Neuropsicológica, Fonoaudióloga, Psicologia, Neurologia, Terapia ocupacional, possibilita que esse autista dependendo de seu grau consiga ter sucesso nas relações pessoais e possa estudar e desenvolver seu potencial. A área da educação em associação a saúde é de suma importância para o sucesso dessa pessoa é a base para seu futuro.

Uma saúde de qualidade é à base do sucesso para o transtorno, o diagnóstico correto e rápido possibilita a esse aluno tempo para se desenvolver e aos profissionais da educação a preparação de plano de aulas, metodologias, atividades didático-pedagógicas e adaptações para trabalhar e desenvolver essas habilidades.

Não seria possível trabalhar, exercer uma profissão sem uma capacitação, no Brasil, conforme a legislação, estes transtornos não estão enquadrados nos casos de Pessoas com Deficiência e, portanto, não possuem direito a Cotas de PCD, existem cotas apenas para concursos públicos. Para uma pessoa autista conseguir uma vaga, ela deverá passar pelo mesmo processo de ampla concorrência que os demais. O Censo da Educação Superior de 2019 contabilizou pouco mais de 1.500 autistas matriculados nas universidades, número que talvez seja ainda maior na prática, se considerarmos que muitas pessoas não declaram o transtorno perante a

faculdade. O que, aliás, é uma das grandes dificuldades enfrentadas para criar estatísticas que ajudem a melhorar o trabalho das instituições nesse sentido. Entretanto, algumas universidades também vêm se adaptando a essa realidade.

Diante dos fatos aqui abordados o que não mudará é a percepção da importância dos profissionais da educação estar capacitados nessa área, sendo ela na área infantil e superior, -com ênfase nos primeiros anos da educação, pois ele possibilita o seu desenvolvimento- sempre buscando por formas humanizadas contribuir na criação de laços futuros desse indivíduo com a sociedade facilitando a interação com a mesma, sendo ainda mais importante essa ajuda para desenvolver suas potencialidades.

A criança autista matriculada apresenta melhoras em sua socialização, tanto na escola, quanto em casa. O aluno passa a tomar iniciativas e recebe um acolhimento pelos colegas de classe. Outro ponto importante é o aumento da autoestima, não só da criança autista como também da família. A inclusão escolar é de extrema importância para o desenvolvimento de habilidades de crianças com autismo.

O futuro profissional da educação deverá estar preparado para atender as crianças com TEA, procurar a capacitação e metodologias assistivas para contribuir no

seu aprendizado assim facilitando a tratativa entre professor/aluno e aluno/professor proporcionando o desenvolvimento desse ser o colocando na sociedade com mais suporte para enfrentar o dia-a-dia, através da escola essa criança autista pode melhorar sua relação com os familiares e estar mais preparado para a vida adulta conseguindo se comunicar e se expressar, esse profissional da educação que se capacita esta proporcionando uma qualidade de vida melhor para esse aluno e também ganhando experiência na respectiva área de atuação. O diagnóstico de TEA deve ser visto e utilizado como uma informação a mais da sua pessoa e na sua personalidade.

Acima de todos os métodos e didáticas a ser aprendido e ser colocado em prática, o mais importante deles é o respeito, respeitar seu tempo seu modo de ser suas singularidades, respeitar a família e suas decisões quanto ao seu diagnóstico e o principal é entender que a diferença agrega e nos torna melhores.

## CONCLUSÃO

A presente pesquisa objetivou analisar as relações entre transtorno do espectro autista e interação social e para tanto buscou identificar as principais dificuldades na comunicação que o transtorno do espectro autista traz e as atuais relações de educação e mercado de trabalho

oferecidos a esses autistas de grau leve com baixos déficits de comunicação, bem como levantar a discussão a respeito da falta de políticas públicas que dignifiquem a busca por saúde de qualidade nos diagnósticos e tratamentos do TEA, favorecer a inclusão e principalmente incentivar a busca por conhecimento, percebendo que a sociedade é a inclusão e não apenas fazer parte dela.

### REFERÊNCIAS:

- ALLUGG [homepage].  
<https://allugg.com.br/startup/autistas-na-area-de-ti-o-potencial-nao-explorado/#barreiras-na-contratacao-de-profissionais-autistas> acesso em 24 de julho de 2023.
- APA – AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Referência rápida aos critérios diagnósticos do DSM-5. Tradução de Maria Inês Corrêa Nascimento. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ASPERGER WOMEN ASSOCIATION,SITE [homepage].: <https://www.aane.org/women-asperger-profiles/> acesso em 20 de julho de 2023.
- AUTISMO E REALIDADE, 2021 [homepage]. Disponível -em: <https://autismoerealidade.org.br/convivendo-com-o-tea/perguntas-e-respostas/>
- BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Brasília: Diário Oficial da União.acesso em 21 de julho de 2023.
- CARVALHO, Larissa Helena Zani Santos De. Caracterização e Análise das Habilidades Sociais e Problemas de Comportamento de Crianças com Autismo. Dissertação. Universidade Federal de São Carlos; São Carlos – SP; 2012
- EDUCANDO EM LA VIDA, EDUCA MAIS. [homepage]. Disponível em: <https://educamais.com/10-frases-sobre-autismo/> acesso em 16 de julho de 2023.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA– IBGE. CENSO DEMOGRÁFICO 2010. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência: resultados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.
- LÍVIA AURELIANO, TATUTEA. [homepage].SEGS <https://www.segs.com.br/educacao/376822-sociedade-x-autismo-5-dicas-essenciais-para-uma-interacao-respeitosa> acesso em 21 de julho de 2023.
- MINISTERIO DA ECONOMIA. Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) 2018: Emprego da Pessoa com Deficiência. Outubro de 2019.

NATIONAL AUTISTIC SOCIETY, SITE  
[homepage].

<https://www.autism.org.uk/advice-and-guidance/topics/communication/understanding-and-developing-communication>  
acesso em 24 de julho de 2023.

NEURO SABER, SITE [homepage].:  
<https://institutoneurosaber.com.br/transtorno-global-do-desenvolvimento-o-que-e-tgd/>  
acesso em 16 de julho de 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. ICD-11 Reference Guide. Genebra: OMS, 2019b. Disponível em inglês em:  
<https://icd.who.int/icd11refguide/en/index.html>. acesso em 27 de julho de 2023.

SCHWARTZMAN, José Salomão; ARAÚJO, Ceres Alves de. Transtornos do Espectro do Autismo – TEA. São Paulo: Memnon, 2011.

THE FAMILIAL RISK OF AUTISM, 2014  
[homepage].:  
<https://jamanetwork.com/journals/jama/fullarticle/1866100> acesso 25 de julho de 2023.